

# “FÁBULA VIRTUAL”: UMA ANÁLISE SOCIOSSEMIÓTICA\*

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz\*\*

**Resumo:** *O presente trabalho tem por tema a análise sociossemiótica do texto “Fábula Virtual”, de Flávia Varella, publicado na revista VEJA, de 29 de outubro de 1997, às páginas 106 a 108. A opção pela análise sociossemiótica de um texto não-literário deve-se ao fato de que é através deste tipo de investigação textual que se pode reconstituir o funcionamento dos diversos sistemas de significação da língua. E, a partir dessa reconstituição, reconhecer os traços socioculturais, ideológicos, sistema de valores e visão de mundo de uma determinada comunidade sociolinguística e cultural.*

## 1. SIGNO, SEMIÓTICA E SOCIOSSEMIÓTICA

A Semiótica é uma das teorias que tem por objeto o texto. Mais precisamente, a Semiótica aborda o que está por trás do texto, ou seja, o que ele quer dizer e o modo pelo qual o faz.

Mas, para se dar uma definição precisa de Semiótica, faz-se mister voltar um pouco no tempo, ao início do século XX, e falar primeiro em Saussure, um dos pioneiros da Semiótica contemporânea. Para Saussure (1995: 24):

“A língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da

\* Recebido para publicação em 21 de agosto de 2006.

\*\* Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa pela USP.

Psicologia geral; chamá-la-emos Semiologia (do grego *semeïon*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Lingüística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Lingüística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos.”

Essa definição serviu para desenvolver uma consciência semiótica. Para Saussure, a lingüística é um simples ramo da semiologia, sendo necessária a esta para a colocação do problema do signo. O objeto de estudo da semiologia é a vida dos signos no seio da vida social. A semiótica, por sua vez, apóia-se em uma teoria geral dos modos de significar. Saussure investiu no caráter essencialmente semiológico do problema lingüístico. Para Barthes (1992), contrariamente a Saussure, a semiologia seria um ramo da lingüística e não o inverso como este pregava.

Porém, a definição de Saussure a respeito de signo como uma entidade de dupla face — com significante e significado, antecipou e determinou todas as definições posteriores. O signo lingüístico une um conceito a uma imagem acústica, ou seja, significado e significante. Para Saussure essas duas faces se combinam indissolivelmente no interior do cérebro humano, são realidades que têm sua sede no cérebro. A escrita as fixa em imagens convencionais. No entanto, para Bakhtin (2004) o nascimento e o desenvolvimento do signo estão relacionados com os fluxos sociais, culturais e históricos.

A Lingüística, desde Saussure, definiu a língua como um sistema de signos. Esse sistema combina uma série de “diferenças de sons” com uma série de “diferenças de idéias”. Sendo assim, todo o mecanismo da língua repousa sobre as relações sintagmáticas e as relações paradigmáticas. As relações sintagmáticas são a dos elementos do enunciado realizado, falado ou escrito. As relações paradigmáticas são a dos elementos do enunciado com outros elementos, ausentes, que suscitam no sujeito que fala e no ouvinte a imagem de outros elementos.

As relações, sob o eixo sintagmático (da cadeia falada ou escrita) ou sob o eixo paradigmático (das relações *in absentia*), podem ser de dois tipos:

de oposição — todo signo lingüístico está em oposição com outro, o que o constitui é o que o distingue, ele se define pelas relações com os signos que o cercam; de identidade — quando não existe oposição e sim identidade, um signo é semelhante a outro.

O estudo semiótico abrange a significação do próprio signo, sua teoria serve de fundamento à Semiótica. “A semiótica tem, portanto, o *texto*, e não a palavra ou a frase, como seu objeto e procura explicar os sentidos do texto, isto é, o que o texto diz, e, também, ou sobretudo, os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos.” (BARROS, 2004:187)

Durante o período em que a lingüística foi apenas uma teoria da língua e da linguagem e que não ultrapassou as dimensões da frase, ela deixou para outros campos do conhecimento as questões de uso da língua, bem como as implicações do contexto social e histórico dos falantes.

A partir dos anos 60, com o surgimento dos estudos semânticos, que reintroduziram as preocupações com o sentido no âmbito dos estudos lingüísticos, os lingüistas viram-se forçados a rever sua concepção de língua e de estudos da linguagem, rompendo assim com as barreiras entre a frase e o texto e entre o enunciado e a enunciação. A partir de L. Hjelmslev ([1899-1965]), a semântica estrutural desenvolveu princípios e métodos para estudar o sentido. Com isso, surgem propostas teóricas que concebem o texto como unidade de sentido, considerando que o sentido da frase depende do sentido do texto. Ao lado desses estudos desenvolveram-se teorias que examinam as relações entre a instância da enunciação e o texto-enunciado e entre o enunciador do texto e o enunciatário, ou seja, para quem o texto é dirigido.

Surge então a Semiótica, voltada para o estudo dos signos no seio da vida social, sendo uma teoria dos modos de significar.

O objeto de estudo da Semiótica é o texto, definido como um “todo de sentido”, pela sua organização ou estruturação, e como objeto da comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário. Entendendo-se o texto como objeto de significação, seu estudo se confunde com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam como um “todo de sentido”. Essa análise é chamada *interna* ou *estrutural*. Concebendo-se o texto como objeto de comunicação entre dois sujeitos, seu estudo precisa ser relacionado ao contexto sócio-histórico que o envolve e que lhe atribui sentido. Essa análise é chamada externa.

“Esses mecanismos e procedimentos são de dois tipos: a organização lingüística e discursiva do texto e as relações com a sociedade e a história. Em outras palavras, o texto se organiza e produz sentidos, como um objeto de significação, e também se constrói na relação com os demais objetos culturais, pois está inserido em uma sociedade, em um dado momento histórico e é determinado por formações ideológicas específicas, como um objeto de comunicação.” (BARROS, 2004: 188)

Há estudiosos que se dedicam apenas à análise interna e outros à análise externa. Os estudos semióticos, no entanto, direcionam-se para a harmonização dos dois tipos de análises. Nesse sentido, procura explicar “o que o texto diz” e “como diz”, examinando os procedimentos da organização textual e os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto.

Para Greimas (1975), a semiótica tenta determinar as condições em que um objeto se torna objeto significativo para o homem. Sendo herdeira da teoria de Saussure e de Hjelmslev, ela não toma a linguagem como sistema de signos e sim como sistema de relações.

Pode-se caracterizar a teoria semiótica por:

“[...] construir métodos e técnicas adequadas de análise interna, procurando chegar ao sujeito por meio do texto; propor uma análise imanente, ao reconhecer o objeto textual como uma máscara, sob a qual é preciso procurar as leis que regem o discurso; considerar o trabalho de construção do sentido, da imanência, como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, em que cada nível de profundidade é passível de descrições autônomas; entender o percurso gerativo como um percurso do conteúdo, independente da manifestação, lingüística ou não, e anterior a ela.” (BARROS, 1988:13)

Para analisar internamente o texto, a semiótica procura organizá-lo como uma totalidade de sentido, determinando como se dá a produção desse sentido. O percurso gerativo é o trabalho de construção do sentido, que vai da imanência à aparência, ou seja, das estruturas simples às complexas. A noção de percurso gerativo é fundamental para a teoria semiótica.

Para a clareza da explicação do percurso gerativo é imprescindível que se fale de três etapas: a das estruturas fundamentais, instância profunda em que são determinadas as estruturas elementares do discurso, em que surge a significação como uma oposição semântica mínima; a das estruturas narrativas, em que se organiza a narrativa do ponto de vista de um sujeito; e a das estruturas discursivas, em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Define-se a estrutura fundamental como a relação que se estabelece entre dois termos-objetos — um só termo não significa —, a relação deve manifestar sua dupla natureza. Para ser precisada e interpretada, a estrutura necessita de um modelo lógico que traduza suas relações em oposições de contradições, contrariedade e complementaridade, tornando-a operatória no plano metodológico. A concepção do quadrado semiótico visa a representação lógica dessa estrutura.

A estrutura narrativa pode ser definida como sendo o simulacro da história do homem em busca de valores ou a procura de sentido quanto aos contratos e conflitos que marcam os relacionamentos humanos.

A sintaxe narrativa caracteriza-se pela relação de transitividade entre dois sujeitos actantes, o sujeito e o objeto. O sujeito é o actante que se relaciona transitivamente com o objeto, e este mantém laços com o sujeito. Há dois tipos de relação: a junção e a transformação e, por conseguinte, duas formas de enunciado: de estado e de transformação ou fazer. Os enunciados de estado e de transformação podem ser definidos, respectivamente, como: o sujeito mantém relação de junção com vários objetos e o sujeito transforma a relação de junção com os objetos. Há duas formas distintas de relação do sujeito com o objeto: a conjunção e a disjunção.

A unidade operatória elementar da organização narrativa de um texto é definida como programa narrativo, ou seja, é a comunicação hierárquica do enunciado de fazer e do enunciado de estado. O programa narrativo integra estados e transformações.

Podem-se definir dois tipos fundamentais de programas narrativos: a competência e a performance. A competência é uma doação de valores modais e a performance é uma apropriação de valores descritivos. A competência é o programa de doação de valores modais ao sujeito de estado. A performance é a representação sintático-semântica da ação do sujeito com vistas à apropriação dos valores desejados.

As relações do sujeito com os valores podem ser modificadas por determinações modais, assim como a relação do sujeito com seu fazer sofre qualificações modais. A modalização de enunciados de estado é denominada modalização do ser, na qual se atribui existência modal ao sujeito de estado. A modalização de enunciados do fazer é responsável pela competência modal do sujeito do fazer.

A Semiótica prevê quatro modalidades, tanto para a modalização do ser quanto para a do fazer: o querer, o dever, o poder e o saber. Na modalização do ser dois aspectos devem ser examinados: o da modalização veridictória, que determina a relação do sujeito com o objeto, verificando se verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta, e o da modalização pelo querer, dever, poder e saber. As modalidades veridictórias são articuladas como categoria modal.

As estruturas discursivas são as que estão mais próximas da manifestação textual. São mais complexas semanticamente que as estruturas narrativas e as fundamentais. O sujeito da enunciação ao contar, faz uma série de “escolhas”: de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras. Nesse momento passa da estrutura narrativa para a discursiva. Sendo assim, o discurso é uma narrativa acompanhada por todas as opções do sujeito da enunciação.

A enunciação pode ser definida como a instância de mediação entre estruturas narrativas e discursivas. A enunciação é mais facilmente revelada nas estruturas discursivas.

Pode-se definir o discurso como o objeto produzido pelo sujeito da enunciação e como objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário. Foucault (2000) questiona o que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita, quais poderes e perigos se imagina que ele possa ter. Pelo discurso pode-se “[...] supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades.” (FOUCAULT, 2000: 8)

A enunciação projeta os actantes e as coordenadas espaço-temporais do

discurso. Essa operação é denominada desembreagem, na qual são utilizadas as categorias de pessoa, de espaço e de tempo.

Como o objeto da Semiótica é o texto, este pode ser lingüístico, oral ou escrito (uma poesia, um romance, um editorial de jornal, uma oração, um discurso político, um sermão, uma aula), quanto um visual ou gestual (uma gravura, uma dança), ou ainda um texto sincrético de mais de uma expressão (uma história em quadrinhos, um filme). Segundo Ingedore Koch (2003: 61): “[...] todo texto constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não um único sentido, [...] todo texto é plurilinear na sua construção, [...] do ponto de vista da recepção — todo texto é um hipertexto.”

“Entre um discurso e o texto que lhe corresponde (corresponde), instala-se um jogo dialógico de perguntas e respostas. Sendo da ordem da competência, o discurso propõe perguntas acerca dos sentidos dos nomes que fornece: ele é, mais, um querer dizer, um saber dizer, em busca de um dizer, a solução que só lhe pode ser atribuída por um texto.” (LOPES, 1978: 7).

A Sociosemiótica, abordagem a ser seguida neste trabalho, é o ramo mais recente da semiótica científica, de inspiração hjelmsleviana, tem por objeto o discurso social não-literário, cujo objetivo é a reconstituição do funcionamento dos diversos sistemas de significação da língua, seja no plano conceptual, semiológico, semiótico e discursivo de textos manifestados, visando a identificação de traços socioculturais, ideológicos, sistemas de valores e visão de mundo de determinada comunidade sociolingüística e cultural.

Segundo Pais (1984:47), “todo sistema semiótico compreende um universo semiótico, equivalente a uma visão de mundo”. Nesse caso, a visão de mundo é o resultado do funcionamento concomitante dos diversos sistemas semióticos que integram a mesma macrossemiótica e a produtividade de seus discursos.

A linguagem mostra claramente as relações entre domínio ideológico e domínio dos signos. A realidade dos fenômenos ideológicos está presente na realidade dos signos sociais. “Como não existem idéias fora dos quadros da

linguagem, [...] [a] visão de mundo não existe desvinculada da linguagem.” (FIORIN, 2005: 32). As leis que regem essa realidade são as leis da comunicação semiótica, determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas.

Para uma análise sociossemiótica de um determinado texto é preciso que sejam estabelecidos o percurso gerativo da enunciação de codificação e o percurso gerativo da enunciação de decodificação, com suas etapas, sua estruturação e transformações. Segundo Pais (1996:301-308), essas etapas e seus processos de elaboração correspondem a outros níveis de abstração, no percurso dos textos manifestados às estruturas hiperprofundas, pré-semióticas e trans-semióticas, em correlação com os diferentes universos semióticos afetados, nos planos dos sistemas e das normas.

O percurso gerativo da enunciação de codificação compreende as seguintes etapas: percepção; conceptualização; semiologização; semiotização, esta por sua vez compreende a lexemização, atualização e semiose do discurso.

O percurso gerativo da enunciação de decodificação, ou fazer interpretativo do enunciatário, compreende as seguintes etapas: percepção; ressemiotização, que abarca a relexemização e a reatualização; ressemiologização e reconceptualização.

## **2. ANÁLISE SOCIOSSEMIÓTICA DO TEXTO “FÁBULA VIRTUAL”**

### **2.1. Percurso gerativo da enunciação de decodificação**

O texto “Fábula Virtual”, de Flávia Varella, foi publicado na revista VEJA, de 29 de outubro de 1997, às páginas 106 a 108.

A partir do subtítulo “De como o louco amor entre uma coelhinha e um lobo terminou em caso de polícia...”, a autora passa a relatar a história que envolve duas pessoas que se conheceram através da rede de comunicações INTERNET: Carla Patrícia Coelho, a “Coelhinha” e Flávio de Oliveira e Silva, o “Lobo”.

Carla, de 29 anos, e Silva, de 35, conheceram-se em 20 de setembro. Passaram 10 dias conversando via INTERNET, num total de 80 horas. Os encontros virtuais se davam a partir das 21h30min. e iam até a madrugada. O “Lobo” se apresentou como sendo um rico fazendeiro de Goiânia, cuja



ocupação/era fazer inseminação artificial em gado nelore e participar de rodeios nacionais e internacionais. Declarou-se possuidor de um jatinho particular e vários carros importados. Os dois trocaram confissões, poesias, cartões musicados e fotos. Logo marcaram casamento, para a alegria da família da moça. Porém, tudo não passava de mentira, pois o “Lobo” estava desempregado, vivendo à custa do pai, um professor universitário aposentado. A “Coelhinha” também não ficou atrás. Havia enviado para o rapaz fotografias antigas em que aparecia mais magra, precisamente 20 Kg a menos. A história do “Lobo” agradou em cheio à família da “Coelhinha”, que o via como o genro ideal. A idéia de se casar com um homem rico fazia a “Coelhinha” delirar, pois estava louca para largar seu emprego numa loja de tintas em Campo Grande, com salário mensal de 300 reais. Marcaram encontro em Goiânia, antes de seguirem em férias românticas para Fortaleza. Mas, o “Lobo”, esperto, pediu à “Coelhinha” que comprasse as passagens. Ela teve uma certa dúvida, mas ele havia garantido ressarcir-la. Como o “Lobo” era muito ocupado, a “Coelhinha”, além de providenciar as passagens, também comprou roupas novas para ele. A “Coelhinha”, após doze dias do primeiro contato, embarcava para a tão sonhada vida de madame. Durante a viagem, o “Lobo” contou que havia perdido todos os seus talões de cheques e cartões de crédito. Pediu à “Coelhinha” que continuasse pagando as contas que ele estava providenciando dinheiro junto ao seu procurador. A “Coelhinha” parou de dar notícias à família, o que deixou sua mãe preocupada. Esta começou a procurá-la no hotel em Fortaleza, onde o casal não mais se encontrava. Sem obter respostas, a mãe, aflita, pediu ajuda à polícia. O casal foi encontrado em Teresina. Os dois foram presos porque havia várias queixas de cheques sem fundos da moça. Um deles roubado do seu talonário pelo “Lobo”, que falsificou sua assinatura e o depositou em outra conta, dizendo que era dinheiro dele que o procurador havia mandado. Com tudo isso a “Coelhinha” ainda declarou: “Fui a mulher mais amada e mais enganada”.

## **2.2. Percurso gerativo da enunciação de codificação**

O enunciatário, após traçar o percurso gerativo da enunciação de decodificação, parte para a representação do sistema de conotações, que serve de base para o levantamento dos tópicos da análise sociosemiótica: visão de mundo, ideologias, sistema de valores e traços socioculturais.

## SISTEMA DE CONOTAÇÕES

### SIGNIFICANTES X SIGNIFICADOS

- Rede de comunicações virtual INTERNET propicia amizade entre pessoas;
- Os cidadãos se comunicam, trocam idéias, mensagens, fotografias via INTERNET;
- Apresentação virtual é uma farsa: homem se diz rico e mulher bonita e esbelta;
- Falsa identificação do rapaz agrada à família da moça;
- Casar-se com homem rico agrada à moça;
- Do encontro virtual passa-se para o real;
- Rapaz pede à moça para comprar as passagens;
- Durante a viagem rapaz diz ter perdido talões de cheques e cartões de crédito;
- Rapaz garante que seu procurador depositou dinheiro na conta da moça;
- Moça não dá notícias, seu sumiço preocupa a família;
- Emissão de cheques sem fundos leva casal à prisão;
- Um homem e uma mulher se conhecem via rede de comunicações virtual INTERNET;
- Um homem e uma mulher, identificados na INTERNET como

“Lobo” e “Coelhinha” se conhecem, trocam intimidades, fotografias, marcam o casamento;

- Casal que se conheceu virtualmente não se identifica como realmente é: ele não é rico e está desempregado, ela não é tão bonita e tampouco esbelta como na fotografia enviada;
- Família da moça vê, nas qualidades apresentadas pelo rapaz, o genro ideal por ser rico;
- A moça vê no casamento com um homem rico a chance de largar um emprego cujo salário é de 300 reais;
- Após doze dias de conversa virtual, casal resolve se encontrar e marca viagem de férias para Fortaleza;
- Rapaz alega não ter tempo e por isso pede à moça que compre as passagens. Ela, além disso, compra também roupas para ele;
- Em virtude de ter perdido talões de cheques e cartões, que diz possuir, rapaz pede à moça que pague as contas até ele regularizar sua situação;
- A moça acredita ter dinheiro em sua conta depositado pelo rapaz, continuando a emitir cheques;
- Mãe pede ajuda à polícia para localizar a filha, que havia emitido seu próprio cheque para depósito em outra conta;
- Rapaz roubou folhas de cheques da moça, falsificou sua assinatura e depositou em outra conta. Farsa virtual é desmascarada.

### 2.3. ANÁLISE DOS DADOS

Após análise do texto e através do sistema de conotações, foi possível estabelecer o jogo do ser X parecer. Todo objeto semiótico é dotado de uma dupla existência, refletida no modo de ser e no modo de parecer. Para Greimas (1975: 93), “[...] todo homem camufla seu ser semiótico graças a uma rede de significações alienantes, dentro da qual ele acredita viver, sentir e crer.” Sendo assim, verificou-se um aspecto da visão de mundo: o rapaz enviou fotos de fazendas de gado para parecer rico; a moça, por sua vez, enviou fotos de período em que era magra para assim parecer esbelta. Nessa visão de mundo são valorizados a posse de bens materiais e o aspecto físico da pessoa.

O jogo do ser X parecer está também presente na oposição verdade X falsidade. O rapaz ignora a sua condição de desempregado, filho de um professor universitário aposentado, o seu plano real, e apresenta-se como um rico e próspero fazendeiro, adotando o plano irreal, da fantasia. A moça também esquece a sua condição física atual, com 20 Kg a mais, plano real, e tenta impressionar o rapaz com uma foto antiga, irreal, fantasiosa.

A tônica do texto é enfatizar o quanto as pessoas se iludem com a aparência, com o sonhado, o desejado. A moça sempre sonhou casar com um homem rico, encontra-o através da INTERNET (virtual, não-real). Ilude-se com o que lhe é mostrado pelas fotos e mensagens do rapaz. Este, mesmo sabendo da condição física atual da moça, não se incomoda, pois o que realmente é aplicar um golpe. Porém, ambos sonham: ele gostaria de ser rico de ter fazendas de gado, jatinho particular, carros importados; ela em fazer um casamento que lhe garanta uma vida de luxos, desfrutando dos bens materiais que o rapaz disse possuir. Para a família da moça isso também é importante esse tipo de homem é o genro ideal.

O que está subjacente aos elementos apresentados no texto é a ideologia de que as pessoas, de um modo geral, buscam a conquista de bens materiais e de prazer através deles da forma mais simples e rápida possível. Para a moça isso se daria através do casamento com alguém que havia conhecido há apenas doze dias. Para o rapaz interessava apenas, mesmo em um curto espaço de tempo, desfrutar de mordomias à custa da moça.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sociosemiótica através de um texto não-literário comprova a afirmativa de que é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, ou seja, ele se afirma socialmente como um sujeito semiótico. A presente análise não esteve voltada para a verdadeira posição ideológica do enunciador real, mas pela visão de mundo dos enunciadores inscritos no discurso. Através do discurso o sujeito materializa as representações ideológicas. Para Fiorin (2005: 35), "O discurso não é [...] a expressão da consciência, mas a consciência é formada pelo conjunto dos discursos interiorizados pelo indivíduo ao longo de sua vida." Neste sentido, as palavras vão ter significação a partir do discurso. O texto analisado, "Fábula Virtual", traz em si uma significação, uma ideologia, já demonstrada pelo próprio título. Fábula significa "[...] narração de coisas imaginárias; ficção." (FERREIRA, 1999: 870). Destarte, toda a história vivida por Carla Patrícia Coelho, a "Coelhinha" e Flávio de Oliveira e Silva, o "Lobo", não passou de uma ficção, iniciada no plano virtual (INTERNET) e concretizada no plano real (encontro/viagem).

Pela linguagem, marca notória da cultura, Carla e Flávio fizeram trocas simbólicas que permitiram a comunicação. O casal, a partir da manipulação da linguagem, expressou uma intenção, através do uso de signos lingüísticos e não lingüísticos. "É na e pela linguagem que se pode não somente expressar idéias e conceitos, mas significar como um comportamento a ser compreendido, isto é, como comportamento que provoca relações e reações." (ARAÚJO, 2004: 9). Isto foi o que provocou a fábula virtual encenada por Carla e Flávio.

**Resumen:** *El presente trabajo tiene por tema el análisis sociosemiótico del texto "Fábula Virtual", de Flávia Varella, publicado en el periódico Veja, de 29 de octubre de 1997, páginas 106 a 108. La opción por un análisis sociosemiótico de un texto no literario se debe al hecho de que es a través de este tipo de investigación textual que se puede reconstituir el funcionamiento de los diversos sistemas de significación de la lengua. A partir de esa reconstitución, reconocer los rasgos socioculturales, ideológicos, el sistema de valores y la visión de mundo de una determinada comunidad sociolingüística y cultural.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida de. Traços sociosemióticos e culturais na análise de um texto. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 9, n. 1, ano 9, p. 5-21, 1997.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Prefácio Roman Jakobson, apresentação Marina Yaguello, tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 187-219.

\_\_\_\_\_. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. *Teoria do discurso: Fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Tradução Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1992.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de lingüística*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

ECO, Umberto. *Tratado geral de semiótica*. Tradução Antônio de Pádua Danesi e Gilson César Cardoso. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda [1910-1989]. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. 4. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. rev. e atual. 2. imp. São Paulo: Ática, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

GREIMAS, A. J.. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Tradução Ana Cristina Cruz Cezar et al. Petrópolis: Vozes, 1975.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

KOCH, Ingedore. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

LOPES, Edward. *Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante*. São Paulo: Cultrix/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

PAIS, Cidmar Teodoro. *Ensaio semióticos e lingüísticos*. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. Conceptualization, information, signification, production du sujet. *Acta semiotica et linguistica*, São Paulo: Global, v. 5, p. 41-60, 1984.

\_\_\_\_\_. Análise sociosemiótica de alguns conceitos e valores do processo sociocultural brasileiro contemporâneo. SEMINÁRIO DO GEL DE SÃO PAULO, 42, 1994. *Anais...* São Paulo, 1995. p. 234-243.

\_\_\_\_\_. Sujeito do saber e sujeito do fazer: da cognição à semiose. SEMINÁRIO DO GEL DE RIBEIRÃO PRETO, 43, 1995. *Anais...* Taubaté: Unitau, 1996. p. 301-308.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Tradução Antônio Chalini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.